UM TUMULTO

(EXCERTO)

ALBA VALDEZ

. . . . . .

Esse movimento reacionário, todos o sabem, estalou de repente na capital, degenerando em revolução. Pelo menos, a população fortalezense não a esperava por aqueles dias.

A fuzilaria reboou, sacudiu a cidade pelo espaço de trinta-e-três longas horas. A princípio (tantas eram as angústias!) não se pensou na falta de víveres que se sentia em um número consideravel de casas de família e só muito tarde se avaliou a situação precária.

Foi quando mais me cresceu o amor pela paz e o ódio por tudo que exala guerra.

Não nutro esses extremos pela vida, tambem por nonada não a sacrifico, não anelo morrer. Mormente de fome. A nossa casa estava desprevenida. Na dispensa havia uma escassa provisão de cereais, mas quem sabia até onde iria aquele silvar de balas que já vitimara algumas pessoas?

O céu escuro peneirava uma neblina fria e constante. Ainda mais aquela neblina...

O disparo de rifles, por umas centenas de populares, prosseguia em diversos pontos da capital, dia a fora, noite a dentro, com intermitências.

Quando findaria o tétrico espoucar?

O pequeno estoque alimentício carecia de suprimento e o instinto de conservação iniciara já o seu toque de rebate.

A *chance* manifestou-se então sob a forma do merceeiro do quarteirão, fornecendo, por preço elevado, uma carne-do-sul velha e má.

No terceiro dia, porem, ninguem podia mais tragar a medonha comida. Todos nos achávamos com o fígado em petição de miséria.

Felizmente, brilhou a paz em virtude da renúncia que da administração do estado fizera o respectivo presidente.

Finda a revolução. Assim o anunciou um pano branco, espetado na ponta da baioneta de um soldado, que, acompanhado de uma multidão grugrulhenta, percorria as principais ruas.

A nova foi tão consoladora, que aquele merceeiro, que lucrara algo com a comoção popular, mandou, com pasmo de alguns vizinhos, pintar no frontal da sua casa comercial, em letras enormes, o dístico— *Mercearia da Paz.* E muitos poetas da terra compuseram, em louvor da deusa que segura o ramo de oliveira, expressivos ditirambos.

O dia seguinte, 25 de janeiro, alvoreceu sorridente, lindo.

A neblina se esgarçara e a cidade, agora sem o fumo e o ribombo dos disparos, liberta do horrivel pesadelo, recomeçava as suas lides habituais.

Quanto a mim, remeti-me nessa manhã à banca de trabalho, entregando-me à leitura de *O livro da paz,* de Magalhães Lima, condizente com o momento. Queria saturar-me de paz.

O ameno filósofo português empolgava-me o espírito, quando, assim pelas nove horas, percebí um reboliço, um tropel, na rua.

Estremecí. Desfiz-me do livro e despejei-me na porta.

O espetáculo era deveras surpreendente. Homens de quasi todas as idades e condições davam força às pernas, em corrida desabalada. A surpresa, o pânico, a cólera, tudo se lia nas feições repuxadas, nos gestos desordenados da estranha multidão tumultuosa.

Que acontecera, para que se demudassem tanto e alguns homens qualificados abandonassem subitamente os seus empregos, as suas ocupações, assim como estavam, em mangas de camisa, sem gravata, sem paletó, sem chapéu?

—Às armas!—Abaixo a oligarquia!—Viva o Ceará livre!—Viva a soberania do rifle!—Viva a lei do *44!*—bradavam meio loucos.

A revolução parecia escancarar de novo as sinistras fauces.

Tratei de saber porque.

E todos a correrem...

Um latagão de cor bronzeada, pés descalços, respirando saude por todos os poros, apontou na esquina. Caminhava sem pressa. Certo não ia atirar.

Ao aproximar-se, pedí-lhe informes do que se passava. Respondeu-me um vozeirão digno daquela musculatura:

—Foi um tal de Muniz que mandou o home tomá conta.

Disse e continuou o caminho, com andar de plantígrado, despreocupado, desinteressado, enfim, dos acontecimentos.

Desapontei, a resposta não primava pela clareza. Fazia-se mister uma exegese do enunciado.

Olvidei por instantes as apreensões tristes e atirei-me à tarefa, começando pela parte mais facil, o fim:—*o home tomá conta.*

O *home*—Doutor Nogueira Acioli, ex-presidente do Estado, que estava refugiado no quartel-general.

Tomá conta—reassumir o governo do Estado.

Restava saber quem fosse o *tal de Muniz que mandou.*

Conjecturei. Sem dúvida, um valente, um guerreiro da mesma fibra que Alexandre e Napoleão. Pois uma criatura vulgar não ocasionaria aquela celeuma, nem se manifestaria de tal modo em lance por demais melindroso e arriscado.

Quem seria? Passei em revista os Munizes conhecidos: uns tinham engrossado a massa revolucionária, outros eram indivíduos pacatos e prudentes, refractários às proezas de Marte.

Teria vindo em misterioso aeroplano? Possuiria tropa numerosa?

Muniz... Muniz... Um homem da cidade, um amigo extremado do chefe decaido?

Refletí melhor. Uma ordem no sentido de repor o ex-presidente teria vindo do Rio-de-Janeiro, só poderia ser emanada do presidente da República.

Súbito, a luz fez-se no meu espírito. Aí, julgueime nada mais, nada menos que Champollion dicifrando os hieróglifos dos monumentos egípcios.

Sim, era isso, o nome fora ouvido mal ou corrompido de maneira assombrosa, incrivel, pelo analfabeto. *Muniz* traduzia-se por *ministro*.

De fato, o auxiliar do governo federal a quem estava afeta a questão expedira qualquer ordem que não convinha aos revolucionários. Estes resolveram retomar imediatamente as armas, o que não se realizou por haver o ex-presidente, político fino, dotado do senso da oportunidade, embarcado nesse mesmo dia, nessa mesma hora.

O ministro... E o homenzinho a propalar que era um *tal de Muniz*...

Assim é que muitas vezes se escreve a história.